SOUSA, Ramon Diego Viana; SANTOS, Sueli Paiva dos; OLIVEIRA, Bruno Machado Oliveira; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Livro didático de português e delimitação de identidade de gênero: possibilidades de análise. Dossiê Funcionamentos discursivos de livros didáticos e de materiais didáticos: possibilidades de análise e de trabalho. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1, n. 1, p. 122-137, 2021. (ISSN: 2317-1006 - online).

LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS E DELIMITAÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

BRAZILIAN PORTUGUESE TEXTBOOKS AND GENDER IDENTITY DELIMITATION: POSSIBILITIES OF ANALYSIS

Ramon Diego Viana de Sousa[1]
Sueli Paiva dos Santos[2]
Bruno Henrique Machado Oliveira[3]
Guilherme Figueira-Borges[4]

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar materialidades de livros didáticos de português, lançando o olhar para o funcionamento discursivo do material didático frente às questões de identidade de gênero e discursivização dos corpos masculinos e femininos. Os recortes que compõem essa pesquisa, foram retirados das coleções: "Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso", de CEREJA, DAMIEN & VIANNA (2016), "Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem", de SINISCALCHI & ORMUNDO (2016), e "Português: contexto, interlocução e sentido", de ABAURRE & PONTARA (2016). Para tanto, inscrevemo-nos no campo da Análise do Discurso e mobilizamos autores como Foucault (2001, 2009, 2014, 2016, 2018), Courtine (2013) e Coracini (1999), estabelecendo um diálogo com Bourdieu (2017) e Louro (2014). A partir das análises, percebemos que nos LDPs, em materialidades linguístico-visuais, emergem questões que possibilitam discussões sobre identidade de gênero, delineando padrões corporais cristalizados para o homem e a mulher na sociedade brasileira.
Palavras Chave: Discurso. Gênero. Corpo. Livro didático de Português.

Abstract: This article analyzes the materialities of Brazilian Portuguese textbooks, focusing on how the discursive functioning of the didactic material works concerning issues related to gender identity and discursivization of both male and female bodies. The framework that composes this research was extracted from the collections entitled: "Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso" by CEREJA, DAMIEN & VIANNA (2016), "Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem" by SINISCALCHI & ORMUNDO (2016), and "Português: contexto, interlocução e

[1] Graduado em Letras-Português pela Faculdade de Letras (FL) da Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus Goiânia. Participante do "Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche" GEDIN/CNPq. E-mail: ramondvs26@gmail.com

[2] Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Participante do "Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche" GEDIN/CNPq.Email: paivasueli79@gmail.com

[3] Mestrando no programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) na Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina. Participante do "Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche" GEDIN/CNPq. E-mail: bh.machado@hotmail.com.

[4] Professor no Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Câmpus Morrinhos e no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidades (POSLLI – UEG). Atua, também, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem PPGEL – UFCat. Lider do"Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche" GEDIN/CNPq. Email: guilherme.borges@ueg.br

sentido" by ABAURRE & PONTARA (2016). In order to do so, we based on the field of Discourse Analysis, casting authors such as Foucault (2001, 2009, 2014, 2016, 2018), Courtine (2013) and Coracini (1999), establishing a dialogue with Bourdieu (2017), Louro (2014). The analysis allowed for the realization that - in linguistic-visual materialities terms – several issues emerge, enabling a discussion on gender identity, outlining crystallized body patterns for both men and women in the Brazilian society.
Keywords: Discourse. Genre. Body. Brazilian Portuguese Textbook.

Considerações Iniciais

> *A legitimação do livro didático se daria, então, na escola, instituição a quem é atribuída a função de preparar o cidadão para a vida em sociedade, segundo, é evidente, os valores que essa sociedade reconhece como seus, ao mesmo tempo em que os constrói.* CORACINI (1999, p. 33)

Nas escolas públicas brasileiras, os livros didáticos são relevantes ferramentas que oferecem um aparato teórico-metodológico que visa subsidiar o processo de ensino e aprendizagem. Compreendendo a importância do livro didático, consideramos pertinente traçar uma discussão acerca de algumas regularidades presentes no livro didático de língua portuguesa (LDP) que leve em consideração os sentidos que emergem de enunciados que controlam e promovam jogos de verdades atrelados aos corpos e à construção de identidades de gênero.

Diante disso, este trabalho tem por objetivo analisar materialidades de LDP's, lançando o olhar para o funcionamento discursivo do material didático frente às questões de identidade de gênero e à discursivização dos corpos masculinos e femininos. Interessa-nos compreender como o material didático mobiliza discursos e fomenta verdades, por meio da dinâmica de saber-poder, para os corpos. Os recortes que compõem essa pesquisa, foram retirados das coleções: "Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso", de CEREJA, DAMIEN & VIANNA (2016), e "Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem", de SINISCALCHI & ORMUNDO (2016) e "Português: contexto, interlocução e sentido" de ABAURRE & PONTARA (2016). Almejamos, assim, refletir como, em três coleções distintas, podemos obter materialidades que se cruzam e possibilitam criarmos uma regularidade acerca dos comportamentos e padrões sociais em Neste trabalho, evocamos algumas noções-conceitos de Foucault (2001, 2009, 2014, 2016 e 2018), a saber, "discurso"

"formação discursiva", "corpo", "saber", "poder" e "verdade", em diálogo com as noções-conceito de "dominação masculina", de Bourdieu (2017), e de "gênero" e de "educação" em Louro (2014).

O LDP é produzido a partir de uma série de etapas que remarca as contribuições de autores/pesquisadores, editores de texto, editores de arte, etc. Ao compreender esse processo de construção, podemos inferir que o livro, enquanto mercadoria, não é algo produzido aleatoriamente, mas pensado e planejado a partir de uma complexa rede de saberes historicamente determinada. No caso das escolas públicas, a distribuição de livros didáticos é realizada gratuitamente através de políticas públicas locais, regionais e nacionais. Assim, o LDP é um documento-monumento legitimado por uma estrutura de saber-poder que delimita (im)possibilidades de usos e de interpretações acerca do funcionamento da língua(gem). De acordo com Foucault, o saber "não é feito para compreender, ele é feito para cortar" (FOUCAULT, 2018, p. 73) de forma a criar, através do exercício da repetição de uma lógica, imagens de controles e de cerceamento do sujeito - o aluno em formação. O saber, nesse sentido, fraciona, secciona, fragmenta o que pode e deve ser apre(e)ndido pelos alunos na educação básica e o LDP ocupa um papel singular nas práticas de ensino-aprendizagem da língua(gem).

A escolha do LDP, pensada no ambiente público, atravessa um processo regulamentado por edital lançado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), na proposta de organizar os repasses do material didático, que, consequentemente chegará até os estudantes. Neste processo, o livro necessita atender os requisitos que expõe o documento. Exemplares de diversas coleções chegam até as escolas e são eleitos após uma análise realizada por profissionais de cada área do saber. No geral, os professores buscam o livro que mais se encaixa nas propostas curriculares vigentes no âmbito escolar, dentre outros aspectos que vão desde a pertinência dos exercícios e atividades propostas às questões gráficas dos materiais.

Uma discussão a ser levantada é sobre a legitimação dos materiais didáticos – em específico os livros – repassados às escolas de todo país. Por um viés valorativo, os livros são analisados/escolhidos através de suas significações e na reprodução de valores éticos e sociais que, de acordo com Coracini (1999),

> significa que se legitima aquilo que é considerado um valor, isto é, aquilo que, de uma forma ou de outra, constitui um BEM, em oposição a algo que seria negativo, maléfico, assim considerado pelo indivíduo e pelo grupo social a que pertence. (CORACINI, 1999, p. 33).

Nesse sentido, é possível dizer que o LDP está intimamente ligado ao que nós, como sociedade, valorizamos enquanto modos de falar, de vestir, de se comportar etc. Assim, o LPD sistematiza uma "relação a uma norma" de forma a tensionar um "certo número de regras (FOUCAULT, 2001, p. 21) aplicadas em uma sociedade organizada. Todavia, ao lançarmos um olhar para o LDP, é possível verificar, materialidades linguístico-visuais, questões que necessitam ser debatidas e revistas como, por exemplo, a construção de identidades de gênero construídas, legitimadas e propagadas por meio da linguagem.

Ao que tange à identidade, podemos pensar o LDP como um feixe de representações que despertam percepções outras nos sujeitos dando a eles um lugar de pertencimento. Sujeitos esses que estão em contato com materialidades linguístico-visuais e são guiados por verdades construídas e legitimadas historicamente. Os alunos são envoltos a verdades naturalizadas em práticas sociais e que estão entrelaçadas nas tramas textuais trabalhadas pelos professores em sala de aula. Estas considerações formam um pressuposto para pensarmos a construção das identidades de gênero no material didático.

De acordo com Woodward (2014, p. 18), "é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos". Nesse sentido, a identidade é constituída por meio de sistemas de "representação", tomando por base os discursos que implicam em "lugares" específicos, de onde os sujeitos podem situar-se, e, a partir destes lugares, devem enunciar apresentando uma identidade de pertencimento ou, até mesmo, uma identidade que resista à ordem imposta (WOODWARD, 2014).

Louro (2014, p. 28), por sua vez, destaca que "o gênero é constituinte da identidade dos sujeitos", esta afirmação nos possibilita dizer que a identidade está sempre permeada de outras relações, como, por exemplo, a questão étnica, sexual, cultural, etc. Louro (2014) também afirma que as identidades não são estáticas, podendo, assim, sofrerem mudanças de acordo com o momento histórico no qual emergem. Pensar a identidade de gênero no LDP está ligada ao processo discursivo que o livro traz em sua gama de textos, sinalizando um pensamento coletivo vigente na sociedade brasileira. É também relevante pensar, nesse sentido, os lugares destinados à mulher e ao homem, enquanto sujeitos, na materialidade do

LDP enquanto um documento-monumento. Ele apresenta, por um lado, em seu caráter documental um registo da modalidade da língua(gem) que deve ser apreendida pelos alunos. Por outro lado, desvela-se construções históricas de aspectos sociais, evidenciando o seu caráter monumental. Há na materialidade de textos, charges, tirinhas, propagandas, dentre outros, a emergência de uma repressão às mulheres que se encontra, de certo modo, naturalizado na sociedade.

É imprescindível problematizar as construções de gênero que compõem nossa sociedade, nunca deixando de questionar as práticas corporais dos sujeitos diante da rede sistêmica de significações no espaço escolar. Neste panorama, o trabalho com o LDP é, então, um relevante lugar para (re)pensar e delimitar práticas de resistência contra exercícios de poder que aprisionam os corpos a determinados modos de vida.

De acordo com Michel Foucault (2001, 2009, 2018), o corpo está imerso em uma atmosfera política. Em face desta constatação, implica-nos investigar, no LDP, como estão traçadas essas relações políticas do/no corpo. O corpo é abordado no material de ensino-aprendizagem de língua materna, evidenciando enunciados que emergem e se destacam nas materialidades linguístico-visuais, que delineiam corpos imersos em tramas políticas. Isto nos permite aventar as seguintes problematizações: de que forma o corpo é enunciado pelas materialidades linguístico-visuais? Quais “verdades” são fixadas neste corpo político? Como ocorre a naturalização dessas “verdades”? Há um lugar para o trabalho com questões corporais nas aulas de língua portuguesa? Esses questionamentos são pontos norteadores do nosso olhar na delimitação deste trabalho.

É importante destacar que o LDP é um feixe de discursividades e nele podem emergir diversas possibilidades de leituras, outras, acerca das materialidades linguístico-visuais, que compõem a coletânea de textos fixados em suas páginas e moventes em nossas interpretações. Consideramos relevante destacar ainda que, neste trabalho, analisamos as três coleções mais escolhidas na cidade de Goiânia no ano de 2012, período em que foi realizada a análise e a seleção dos materiais didáticos junto ao Programa Nacional do Livro Didático – PNLD.

Análise Discursiva de Materialidades Linguístico-visuais de Livros Didáticos de Português

De acordo com Foucault (2016), os enunciados estão sempre relacionados a outros em uma dinâmica sócio-histórica. Neste trabalho, partimos deste pressuposto para investigar enunciados presentes no LDP, com intuito de averiguar como eles, pertencentes a uma mesma formação discursiva, emergem em materialidades distintas. De acordo com o autor, "para que se trate um enunciado é preciso relacioná-la com todo um campo adjacente" (FOUCAULT, 2016, p. 118), e é nesta perspectiva que buscamos identificar as formações discursivas acerca do conteúdo linguístico-visual do LDP.

A análise enunciativa buscará, nos três recortes de LDP's, marcas de uma regularidade discursiva que, consequentemente, traz à tona discursividades acerca dos corpos femininos e masculinos. Discursividades essas que apresentam uma regularidade em sua formação. Acerca da noção de "formação discursiva", Foucault (2016) delineia que quando

> se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2016, p. 47).

É por meio da análise das formações discursivas que podemos lançar o olhar para discursos que são trazidos pelas materialidades linguísticas do LDP. É através dela que poderemos, também, delinear como os enunciados emergem no *corpus* de análise. Gregolin (2006) argumenta que a formação discursiva está ligada a grupos de enunciados, ou seja, há uma regularidade de formação desvelada a partir dos enunciados. É necessário, portanto, que pensemos como são articulados os enunciados, presentes no LDP, de forma a vislumbrarmos a discursivização de jogos de verdades que aprisionam os corpos femininos e masculinos em uma ordem de papéis de gênero na superfície discursiva do material didático. Sobre a verdade, Foucault (2018) faz uma importante observação:

> A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2018, p. 52).

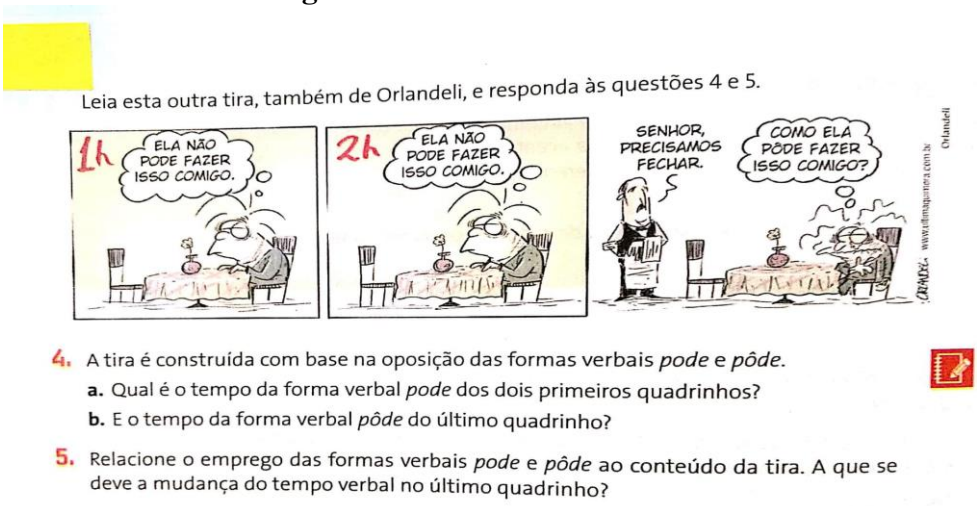
Ainda pontuando acerca da verdade, Foucault diz que ela "é objeto de debate político e de confronto social (as lutas 'ideológicas')" (FOUCAULT, 2018, p. 52). Na produção de sentido, e na dinâmica da norma social, a sociedade cria e recria dinâmicas para a construção ou perpetuação de uma realidade (verdade) (FOUCAULT, 2001). A esse respeito:

> o corpo anormal em corpo ordinário. E desta forma elas se transformaram em espaço de um conflito entre razão política e singularidade do olhar: a razão política reivindicando o tratamento igualitário dos indivíduos, não importando suas aparências, a singularidade do olhar registrando o desconforto diante da deformidade corporal, mesmo que simultaneamente percebida e gomada, lembrada e negada, na multiplicação do que hoje chamamos de "diferenças". Visto que este é precisamente o termo escolhido, nas sociedades democráticas, para proclamar – por causa de um recalcamento deliberado do olhar pela razão – a igualdade entre os corpos. (COURTINE, 2013, p.144).

Ao pensar o funcionamento da sociedade e a produção da verdade, Foucault (2001, 2009) nos traz uma importante observação acerca do corpo, segundo o ele o corpo é "objeto e alvo de poder", partindo do pressuposto que ele é algo manipulável. Essa alusão ao corpo é importante para esta pesquisa na medida em que pensamos o corpo como uma superfície moldada por discursos. Foucault menciona que "é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado" (FOUCAULT, 2009, p. 132). Diante do exposto, podemos afirmar que os corpos dos sujeitos imersos nas tramas do convívio social são dóceis a partir do momento em que são moldados, recriados e se inscrevem em uma ordem acerca do que é verdadeiro para sua constituição. Quando pensamos nos discursos que constroem os corpos masculinos e nos discursos que constroem os corpos femininos e os enunciam diante da sociedade, estamos, automaticamente, ligados a uma trama de poder exercido sobre os corpos e que dele recebem uma resposta como, por exemplo, práticas de resistência. Foucault (2009, p. 132) delineia que "o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações". Nesse sentido, devemos pensar os corpos atrelados aos discursos que os inserem em relações de poder, impondo determinadas formas de agir, de se vestir, de alimentos que devem ser consumidos, etc. O corpo é, notadamente, moldado, esquadrinhado, e adestrado para (re)produzirem determinadas práticas sócio-históricas, mantendo regularidades de uma supremacia masculina.

A fim de darmos início às análises, traremos o primeiro recorte do LDP:

Imagem 01: Encontro no Restaurante



Fonte: LDP Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso. CEREJA, DAMIEN & VIANNA (2016), p. 214.

Como primeiro recorte, temos a tirinha acima e, na sequência, as atividades propostas pelo LDP. Nela, temos uma situação que narra a espera de um homem por uma mulher (marcado pelo pronome "ela") em um restaurante. No primeiro quadrinho, surge ele pensando *"ela não pode fazer isso comigo"*; no segundo quadro, já se passaram duas horas, ele novamente pensa *"ela não pode fazer isso comigo"*; no terceiro e último quadro, quando o garçom diz que precisa fechar o restaurante ele mais uma vez reflete *"como ela pôde fazer isso comigo?"*, o que demonstra sua insatisfação com a mulher por quem esperava no restaurante. Os exercícios que seguem após a tirinha têm como objetivo trabalhar noções acerca do tempo verbal utilizado na tira, não lançando mão de uma interpretação acerca do conteúdo do texto.

Em uma sociedade pautada no machismo, a mulher está sempre submetida aos caprichos dos homens. Na tira exposta não é diferente, pois o homem a aguarda para uma refeição e quando a mulher não comparece, ele enuncia que *"ela não pode fazer isso comigo"*, tornando-se uma frase que traz uma forma de relação entre os gêneros e que discursiviza como o homem espera que uma mulher reaja a um convite e, sobretudo, o que ela pode ou não fazer em relação a um encontro. Duas vezes ele afirma que "ela não pode fazer isso comigo" e na terceira ele se questiona "como ela pôde fazer isso comigo?" mostrando que ele esperava uma reação diferente.

A repetição dos enunciados “ela não pode fazer isso comigo” retoma uma possibilidade de sentido vinculada a demarcação espaço-temporal da tirinha. A respeito da repetição, tencionamos a compreensão da tentativa de instauração de uma verdade, que através do dito e da marcação do passar das horas, normatiza a cobrança da presença do corpo feminino e naturaliza a cobrança realizada pelo corpo masculino. Neste processo o LDP “permite individualizar incessantemente” o corpo feminino, “e ao mesmo tempo torna comparável” num projeto de “medida comum, que se institui na pura referência de um grupo a si próprio” (EWALD, 1993, p. 86).

De acordo com Bourdieu (2017, p. 22), a “força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la”. Nesse sentido, o enunciado acima nos aponta para a forma como as relações entre os gêneros é marcada por uma desigualdade, que está sempre nos discursos e nas práticas diante da sociedade. A mulher está submetida às ordens e desejos do homem. Na tirinha em questão, o fato do homem interrogar o porquê da ausência da mulher é algo que foi naturalizado, justamente por ela não se comportar como esperado. E se o contrário ocorresse? De que forma poderíamos analisar a situação? O homem teria a mesma obrigação de comparecer que a mulher?

Pensando o corpo imerso e envolto nos discursos que o cerceiam e traçam verdades acerca de seu desempenho e constituição, sempre “emergem novas exigências de legibilidade do corpo” (COURTINE, 2013, p.59). A este mesmo corpo que atribuem valores maniqueístas (bem ou mal/bom ou ruim) ligados a sua materialidade, podemos inferir que o corpo feminino, no recorte acima, possui um lugar delimitado no âmbito social, haja vista que ele é discursivizado.

Nesta linha de discussão, podemos dizer que o LDP traz questões de gênero que necessitam de análises que caminhem além de discussões que dizem respeito estritamente às questões gramaticais. Não há indício algum que este texto será problematizado de forma a desconstruir um padrão de comportamento aos gêneros. Versando, assim, sobre os corpos, construindo-os de acordo com o que já é dado diariamente. Portanto, a discussão do texto, visando romper com esses olhares acerca dos corpos, faz-se necessária na escola enquanto espaço que deve acolher a diversidade. Louro (2011) diz que

> Os significados atribuídos aos gêneros e às sexualidades são atravessados ou marcados por relações de poder e usualmente implicam em hierarquias, subordinações, distinções. Implicada nessas classificações está uma noção muito utilizada na contemporaneidade – a noção de diferença. (LOURO, 2011, p. 64).

De acordo com Louro (2011), podemos inferir que o LDP também é atravessado pelas relações de poder e que seu conteúdo reproduz uma ordem social vigente, endossando as hierarquias, subordinações e distinções entre homens e mulheres. Mostrado um "lugar", por meio do discurso, para que cada gênero desenvolva seu papel dentro de uma lógica de desigualdade.

Seguindo as análises, trazemos o segundo recorte do LDP:

Imagem 02: Padronização corporal dos adolescentes



Fonte: LDP "Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem", de SINISCALCHI & ORMUNDO (2016), p. 289.

O recorte acima nos traz uma charge que narra o questionamento de um pai que vai buscar sua filha no shopping, em sua fala ele retrata que *"as adolescentes de hoje estão todas iguais... mesma roupa... mesmo cabelo"*, continuando seu questionamento ele diz *"e agora? qual delas é minha filha?"*. O exagero por parte do personagem ao dizer que todas as adolescentes são iguais traz o "humor" para a charge. O LDP explora o texto e lança alguns

questionamentos que irão compor um quadro interpretativo, claramente as atividades trazem questões como os padrões de beleza e sua imposição ao corpo feminino.

A partir das atividades, podemos levantar o seguinte questionamento: como são construídos os corpos femininos, através do discurso, no contexto do LDP? Para isso devemos nos atentar para o fato de que a charge narra um padrão de beleza vigente entre as adolescentes que as tornam iguais. Os enunciados que emergem deste texto recuperam outros que envolvem os padrões de beleza que vigoram na sociedade, a saber, i) que para ser aceita em determinado grupo a garota/mulher necessita atender a certos requisitos estéticos; ii) a forma como os homens lançam olhares acerca dos corpos femininos; iii) em que contextos, a mulher é objetificada. Sobre a noção-conceito de "enunciado", Foucault (2016) destaca que

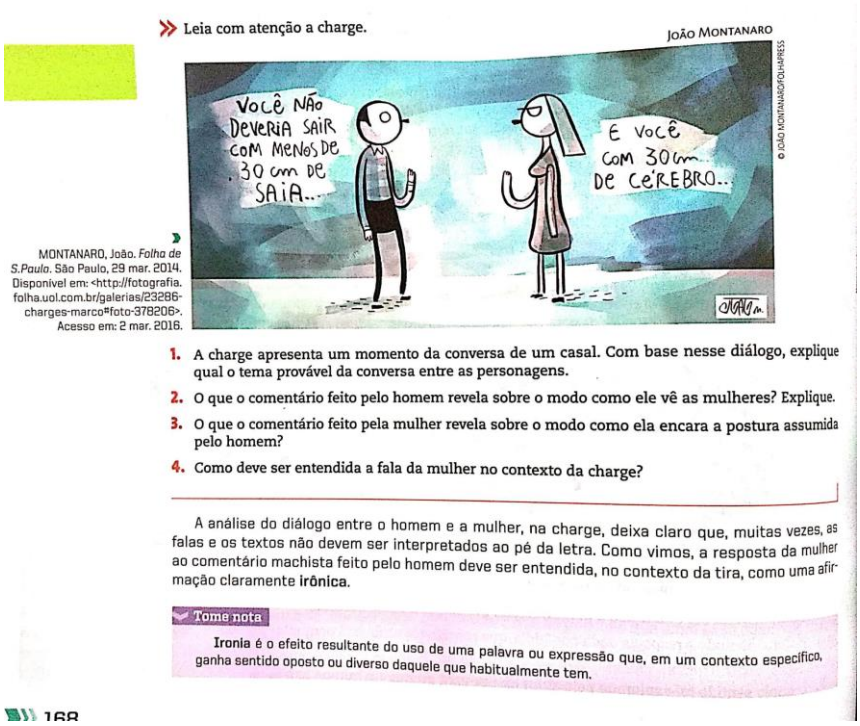
> não basta dizer uma frase, nem mesmo basta dizê-la em uma relação determinada com um campo de objetos ou em uma relação determinada com um sujeito, para que haja enunciado –, para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-lo com todo um campo adjacente. Ou antes, visto que não se trata de uma relação suplementar que vem se imprimir sobre as outras, não se pode dizer uma frase, não se pode fazer com ela chegue a uma existência de enunciado sem que seja utilizado um espaço colateral; um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados. (FOUCAULT, 2016, p. 118).

De acordo com Foucault (2016) não basta que tenhamos simples frases, mas é necessário que as materialidades verbais estejam relacionadas umas com as outras, formando sentidos, endossando significações e construindo uma rede discursiva. Para que sobre uma frase recaia o enunciado é necessário que ela converse com outras, gerando, assim, uma relação de retomada e de novas semioses. Os enunciados irão sempre retomar outros enunciados e estabelecer-se-á entre eles uma (in)tensa relação.

Diante desta discussão, podemos apontar que a docilização dos corpos femininos acontece por meio do poder que os discursos exercem acerca de sua configuração. Este apontamento nos leva refletir que o corpo dócil está intimamente ligado às formas de dominação, de discursivização de comportamentos, estéticas e padrões, que bordeiam os corpos. O corpo feminino, notadamente, passa a ser observado a partir de um projeto comum de visualidade que alinha e que tenciona algumas mulheres a seguirem uma lógica de cuidado e de controle como podemos observar na Imagem 02, as adolecentes estão saindo de um ambiente de compra, notadamente, o shopping.

O Livro didático, também, não deixa de apontar o lugar dos corpos masculinos e também os discursos que constroem os estereótipos que compõem o imaginário social. A partir das práticas destinadas aos corpos masculinos, da sua disposição e enunciação na sociedade, podemos visualizar a dinâmica que realça uma dominação, quando estes corpos não são submetidos a questionamentos que delineiam suas práticas corporais. Isto é destaque na tirinha que analisaremos a seguir:

Imagem 03: Conversa de um casal



» Leia com atenção a charge.

JOÃO MONTANARO

MONTANARO, João. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 29 mar. 2014. Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/23286-charges-marco#foto-378206>. Acesso em: 2 mar. 2016.

1. A charge apresenta um momento da conversa de um casal. Com base nesse diálogo, explique qual o tema provável da conversa entre as personagens.
2. O que o comentário feito pelo homem revela sobre o modo como ele vê as mulheres? Explique.
3. O que o comentário feito pela mulher revela sobre o modo como ela encara a postura assumida pelo homem?
4. Como deve ser entendida a fala da mulher no contexto da charge?

A análise do diálogo entre o homem e a mulher, na charge, deixa claro que, muitas vezes, as falas e os textos não devem ser interpretados ao pé da letra. Como vimos, a resposta da mulher ao comentário machista feito pelo homem deve ser entendida, no contexto da tira, como uma afirmação claramente **irônica**.

Tome nota

Ironia é o efeito resultante do uso de uma palavra ou expressão que, em um contexto específico, ganha sentido oposto ou diverso daquele que habitualmente tem.

168

Fonte: LDP "Português: contexto, interlocução e sentido", de ABAURRE & PONTARA (2016), p. 168.

No terceiro recorte apresentado, nota-se algumas possibilidades de construção de sentido. Em primeiro plano, uma possível discussão de casal acerca do tamanho da roupa a qual a mulher pode sair de casa. O homem, possível marido, diz *"Você não deveria sair com menos de 30 cm de saia"* e a mulher, talvez esposa, responde *"E você com 30 cm de cérebro"*. Nesse diálogo o posicionamento recorrente de que um homem precisa dizer como uma mulher pode e deve sair de casa se repete. Dessa forma, o machismo estrutural ao qual a sociedade se rende é notório, pois há uma construção de que se a mulher sair de casa com roupa curta ou justa demais poderá ser culpabilizada em qualquer situação de assédio sexual, abuso sexual ou estupro. Por isso, o uso do verbo "dever", conjugado no futuro do pretérito

"deveria", indica uma possível ação decorrente de um fato ou situação condicionada, ou seja, se uma mulher usar a roupa menor do que 30 cm não poderá reclamar se algo acontecer em decorrência disto.

Em segundo plano de análise é possível perceber a resistência da mulher ao responder ao comentário machista "E você com 30 cm de cérebro...". Segundo Foucault (1988, p. 91), "onde há poder, há resistência", logo, ao perceber o exercício do poder baseado no machismo acerca do tamanho/comprimento da roupa que a mulher deve/pode usar; ela responde fazendo uso de comparação do tamanho da saia ao tamanho do cérebro do homem que a reprime. Essa comparação pode ser compreendida como ironia, pois, além da expressão facial da mulher apresentada na charge como uma expressão de raiva após ouvir tal comentário, ela relaciona o tamanho do cérebro ao nível de inteligência desse homem. Lakoff (2010, p. 13) afirma que "somos usados pela linguagem tanto quanto a usamos", assim, percebemos o quanto a linguagem pode ser usada para controlar/moldar os sujeitos na sociedade, isto é, os textos comumentemente selecionados para compor o LDP não podem ser meramente aleatórios ou baseados em estruturas arcaicas de dominação masculina; mas devem apresentar possibilidades de resistência a fim de contribuir com a emancipação feminina.

Na materialidade do corpo feminino, há a incidência de discursos, evidenciando que "o corpo também está diretamente mergulhado num campo político" (FOUCAULT, 2009, p. 28). O corpo passa por avaliações e por alusões rotineiramente desrespeitosas e invasivas, coisificando e fazendo-o de um corpo abjeto. Aos corpos femininos são impostas regras que os flexionam e delineiam formas de comportamento e conduta que, por sua vez, compõem uma visão machista. Ao diferenciar-se ou destacar-se por uso de determinada vestimenta (como uma saia) em razão de outras, as mulheres sofrem represálias e sobre elas são atribuídos juízos de valor que depreciam suas atitudes e discursivizam seus corpos tornando-os "anormais" (FOUCAULT, 2001; COURTINE, 2013). Resistir aos discursos provenientes do pensamento machista, a partir de um (in)tenso questionamento aos modos de vestir, é uma forma relevante de resistência.

Para Foucault (2008, p. 112), "não há enunciado livre, neutro e independente", isso significa que tanto a expressão machista, "Você não pode sair com menos de 30 cm de saia", pode tanto alimentar, por um lado, um discurso enraizado na sociedade, quanto, por

outro lado, o discurso feminista resistente presente em "E você com 30 cm de cérebro...". Courtine (2013, p. 58) afirma que o "dizer corresponde formas de ver", ou seja, o olhar e a preocupação para com o comprimento da saia da mulher (o dito) pressupõem a forma como os homens - representados pela personagem masculina da charge - vêm os corpos femininos considerando-os enquanto anormalidade para ser exibido. Nessa constituição, o dizer e o ver mobilizam/disseminam campos do saber e de regimes de prática (COURTINE, 2013, P. 59), pois, "os traços do corpo podem ser interpretados como signos de vícios ou de virtudes, de inclinações ou de paixões da alma" (COURTINE, 2013, P. 49).

A afirmativa do LDP na análise em que delineia que as enunciações não devem ser consideradas "ao pé da letra", realça a questão metafórica em relação ao tamanho do cérebro, já que não há como um cérebro medir 30 cm. O que envolve o conhecimento referente às atualidades a partir daquilo que as mulheres, diante de suas lutas e resistências, construíram ao longo do tempo. Essas conquistas devem ser consideradas como maiores do que os discursos acerca de suas vestimentas, ou seja, o conhecimento de uma mulher não pode ser medido pelo tamanho de sua saia. Não podemos deixar de remarcar, também, que a expressão "ao pé da letra" é empregado apenas para o enunciado da mulher, o que proporciona, a partir do LDP, uma deslegitimação desse dizer. O dizer do homem também é metafórico, uma vez que nos questionamos como ele pode saber que a saia tem exatamente 30 cm? Mas esse fato não é questionado pelo LD, porque o enunciado dito por ele se inscreve em uma normalidade construída socialmente.

No entanto, os efeitos de sentido construídos na charge, apresentada em um LDP, podem ser diferentes para meninos e para as meninas. Isso se confirma quando o regime de verdade sugerido pelos autores na análise da charge diz que as falas e os textos interpretados não devem ser compreendidos "ao pé da letra", confirmando a ironia na resposta da mulher. Contudo, fica evidente a tentativa de adestramento do corpo feminino imposto à sociedade através do LDP, pois, novamente, à luz de Foucault (2009), um corpo dócil é moldável e manipulável.

Considerações Finais

As práticas de nomear, delimitar, pensar inversões para as redes de poder "é uma primeira inversão de poder, é um primeiro passo para outras lutas contra o poder" é uma prática de resistência (FOUCAULT, 2018, p. 139). Por isso, problematizamos os LDP's que sistematizam e legitimam determinadas identidades de gênero. Compreender as ferramentas do poder no espaço escolar abre a possibilidade de instauração de procedimentos de transgressão às construções de gênero que, na sociedade, são normalizadas/legitimadas/cristalizadas/propagadas.

A partir das análises, percebemos que se, por um lado, o LDP atende a uma lógica machista; por outro lado, ao compreender os jogos de verdades instituídos no ensino-aprendizagem, pode-se resistir e subverter as construções de gênero cristalizadas historicamente. Apontamos a materialidade do LDP como objeto de estudo crítico que nos direciona às representações de gênero reguladas e que nos dá um fotograma da constituição social brasileira.

Com efeito, o LDP deve ser pensado enquanto instrumento potencializador dessa sociedade controladora, que visa normatizar o adestramento dos corpos (FOUCAULT, 2001, 2009). E a partir desse reconhecimento professores e estudantes podem instituir práticas de resistência à perpetuação da dominação masculina, posicionando-se contrários à sujeição e ao controle dos corpos femininos.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução e sentido***.** 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016. v. 1.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* Tradução de Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

CEREJA, Willian; DAMIEN, Christiane; VIANNA, Carolina. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso.* 1. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2016. v. 1.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. *Intepretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira.* 1. ed. Campinas: Pontes, 1999.

COURTINE, J.J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I.* A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.,

1988.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAUTL, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão.* 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* São Paulo: Edições Lyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber.* 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos.* 2ª. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

WOODWARD, Kathryn. In: "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". *In:* SILVA, Tamaz Tadeu. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.7-72.

LAKOFF, Robin. "Linguagem e lugar da mulher". Capítulo 2. In: *Linguagem, Gênero e Sexualidade: clássicos traduzidos*. Robin Lakoff (et al). Organização e tradução Ana Cristina Ostermann, Beatriz Fontana. Parábola Editorial. São Paulo, 2010, p. 13-30.

LOURO, Guacira Lopes. "Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade". *Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente*. Belo Horizonte; v. 03, n 04, p. 62-70, jan/jul. 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.* 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SINISCALCHI, Cristiane; ORMUNDO, Wilton. *Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem.* 1. ed. São Paulo: Moderna, 2016. v. 1.

Recebido em setembro de 2020.

Aceito em janeiro de 2021.